

REVELAÇÕES DE UMA CIDADE OCULTA: SÃO PEDRO DA CIPA – MT

Aline Cristina Gomes da Costa

UNIVAP/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento-IP&D,

Discente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Planejamento Urbano e Regional

aline.cgc.arq@gmail.com

Pedro Ribeiro Moreira Neto

UNIVAP/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento-IP&D,

Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Planejamento Urbano e Regional

pedroribeiro@univap.br

RESUMO: Este artigo estuda o espaço da cidade a partir da sua subjetividade, ou seja, além da materialidade física. Propõe-se perceber o lugar com base nas relações sociais e identidades. Utilizou-se o método da flânerie de Walter Benjamin e o diálogo interdisciplinar entre os diferentes campos das ciências sociais: história; antropologia; urbanismo e geografia. Objetiva-se desenvolver uma relação entre o município de São Pedro da Cipa–MT e Raíssa-uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino (1990)- com noções de isotopia. A análise, de cunho qualitativo, exploratório e reflexivo, teve como base a observação participante de uma experiência acadêmica do Projeto Rondon (2015). O estudo revelou que, assim como Raíssa, Pedro da Cipa se apresenta como uma cidade invisível aos olhos dos que nela habitam.

Palavras-chave: Espaço, paisagem, identidade, cidade, produção social do espaço.

GT – 10: Práticas culturais na produção da cidade

1 INTRODUÇÃO

Ítalo Calvino retrata em seu livro *Cidades Invisíveis*, as viagens que Marco Polo fez por cinquenta e cinco cidades ao Oriente, separadas por onze padrões, identificados por suas semelhanças urbanísticas e antropológicas. Cidades que demonstram a existência de peculiaridades intimamente marcadas pela configuração socioespacial e pela formação e transformação de significados no espaço habitado.

Sobre espaço, Santos (1996) ressalta que ele é socialmente construído. Halbwachs (1990) enfatiza que um grupo está inserido numa parte do espaço pela qual ele o transforma à sua imagem. Calvino (1990), contribuindo para caracterizar espaço, demonstra a relação entre as ações de um grupo na concepção de seu espaço em sua narrativa. É por esse motivo que todas as cidades invisíveis ganham autonomia na produção de vários modelos, identificando riquezas escondidas

nas mais longínquas, complexas e lúdicas das cidades, estabelecendo múltiplos usos e significados na relação entre a sociedade e seu espaço.

Neste artigo será trabalhada a categoria que Calvino denomina como cidades ocultas (Calvino, 1990, p.62-63), que se refere às cidades que possuem uma complexidade semelhante à natureza humana, composta por dualismos e significados. É dessa forma que foi descrita a cidade de Raíssa, ao demonstrar infelicidades e revelações das felicidades, intimamente relacionadas ao espaço. A vida em Raíssa, descreve Calvino

Não é feliz. Pelas ruas, as pessoas caminham retorcendo as mãos, imprecam às crianças que choram, encostam-se nos parapeitos do rio com cabeça apoiada nas mãos, acordam de manhã com um pesadelo e logo começa outro (Calvino, 1990, p.62).

Nesta passagem da narrativa percebe-se a relação do grupo com as paisagens da cidade, como o caminhar pelas ruas e a contemplação reflexiva às margens de um rio. Halbwachs (1990) diz que, entre a casa e a rua, há trocas permanentes entre os indivíduos, configurando as relações de vizinhança e que, cada sociedade, recorta o espaço a seu modo, de maneira a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças. Ao observar o trecho da narrativa sobre a cidade de Raíssa é possível identificar pessoas mais preocupadas com os pesadelos pessoais do que com a simbiose cidadina. Halbwachs (1990, p.133) diz que “*o lugar recebe a marca do grupo, e vice-versa. Então, todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais*”. Flammarion (1998) destaca que lugar é a relação materializada que os habitantes têm com o espaço, garantindo dessa forma identidade e história aos membros do grupo cuja cultura o constituiu.

Para identificar as relações de um grupo com o espaço é preciso lançar um olhar atento sobre a cidade e sobre os símbolos ali estabelecidos, características estas designadas à figura do *flâneur*, conforme proposto por Benjamin (2000). O *flâneur* é considerado por Rouanet (1992, p.50) o “*alegorista da cidade, detentor de todas as significações urbanas, do saber integral da cidade, do seu perto e do seu longe, do seu presente e do seu passado*”, ele vê a cidade sem disfarces, fazendo dela o “*seu templo, seu local de culto*”. Em suma, o *flâneur*, passeia pela cidade e não se nutre apenas do que está sensorialmente sob seus olhos, mas se apropria, também, do saber contido nos dados mortos, como se eles fossem algo experimentado e vivido (Rouanet, 1992).

Com a leitura de Ítalo Calvino (1990) é possível estabelecer uma relação entre a cidade invisível de Raíssa com a realidade de muitas cidades “visíveis” e reais brasileiras, como é o caso de uma pequena cidade do cerrado mato-grossense, cujas belezas naturais encantam o olhar dos *flanêurs*, mas que não atraem com tanta veemência os próprios cidadãos que habitam aquele

espaço. Trata-se da cidade de São Pedro da Cipa que, assim como Raíssa, está repleta de significados que interessam ao caminhante desvendar.

Antes de conhecer fisicamente uma cidade, um *flâneur* da atualidade consegue, munido de poucos recursos tecnológicos, percorrer o mundo. Foi dessa forma que se percorreu as ruas de São Pedro da Cipa. Apenas com alguns clicks na ferramenta digital Google Earth, acessado por qualquer aparato tecnológico, consegue-se flunar por vielas, becos, avenidas, visitar moradas e apreciar a paisagem, seja ela urbana ou rural. No entanto, para se conhecer, de fato, uma cidade, só mesmo convivendo com seus moradores para perceber os significados e simbolismos que se estabelecem a partir das relações sociais e delas, com o território.

Este artigo relata a experiência de um *flâneur*, ocorrida entre março a julho de 2015. Da cidade de São José dos Campos, município sede da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, Estado de São Paulo, observou-se e estudou a cidade de São Pedro da Cipa, cidade do Estado de Mato Grosso, distante da primeira a 1,239 Km. Durante quatro meses, a pequena cidade mato-grossense foi se revelando ao *flâneur*, que a conheceu, primeiramente, por meio virtual. Tomou-se conhecimento da cidade de São Pedro da Cipa a partir de dados físicos e sociais oriundos de diferentes fontes de informação, tais como IBGE, redes sociais e viagens virtuais pelo *Google Earth*. Todas essas informações foram importantes para o futuro convívio que aconteceria durante quinze dias nesta cidade, como parte das atividades do Projeto Rondon, projeto de cunho voluntário com objetivo de aplicação de oficinas multidisciplinares, que possibilitou exercer a *flânerie* de maneira experimentada e vivida durante 15 dias.

São Pedro da Cipa, cidade do interior sudeste de Mato Grosso, com 4.341 habitantes (IBGE, 2013), recém-emancipada, mas ainda dependente de sua matriz, Jaciara, e de outras cidades mais equipadas em questões de infraestrutura, saúde e serviços. Seus habitantes vivem em um constante conflito cultural. Além do marco da sobrevivência, há pouco vínculo afetivo com o espaço, e frágil relação de pertencimento. Como identificar este sentimento, num espaço cuja construção da memória coletiva é tão recente? Como estabelecer uma relação afetiva com o território em que as pessoas ainda não conseguem fixar suas raízes?

O objetivo deste artigo é o de entender as relações socioculturais que os habitantes de São Pedro da Cipa têm com o seu território, a partir da análise do material resultante das oficinas do Projeto Rondon e das experiências vividas e interpretadas pela observação participante, embasadas em conceitos como espaço, paisagem, identidade e pertencimento.

2 METODOLOGIA

No decorrer da história, a cidade é analisada por diferentes ângulos, pontos de vista, normas e diretrizes; ela é categorizada e pensada por especialistas de diferentes campos do conhecimento, tais como planejamento urbano, saúde pública, administração, economia, história, geografia, sociologia, dentre outros. Porém, segundo Scandurra (1998, p. 92-103, apud. Limena, 2001, p.39), a preocupação maior de planejadores e administradores (profissionais técnicos) refere-se à cidade e ao território físico, quase como um “índistinto geométrico”, a ser ocupado e otimizado, cujas políticas de intervenção se orientam por princípios contaminados pela ênfase dos negócios e não com as condições de vida de grande parte dos cidadãos (Limena, 2001, p. 39).

Esse ideal geometrizado de se pensar o espaço urbano atinge também outras áreas do conhecimento que, orientadas pelo positivismo com o pressuposto de “ordem e progresso” abordado por Comte, encaram a cidade de forma linear e determinista (Anderly, 2012). Mas há também estudiosos de diferentes tradições de pesquisa e posições epistemológicas que se utilizam de uma análise mais híbrida, como o caso de Limena (2001), que diz ser preciso compreender a cidade e o fenômeno urbano como parte integrante de um projeto de sociedade planetária, estabelecendo um diálogo interdisciplinar que busque interconexões e possa constituir as bases para um saber menos restritivo e redutor, superando os limites entre ciência, técnica e arte.

A partir disso, busca-se com este trabalho abordar a cidade de maneira subjetiva, a fim de contribuir para a integração dos campos científico, técnico e cultural. Seguindo plano da semiótica francesa trabalhado por Ítalo Calvino em seu livro *Cidades Invisíveis*, Santiago e Lara (2012, p. 157-159) explicam que este estudo linguístico engloba três níveis de plano de conteúdo, que simulam um percurso de geração de sentido para as estruturas sintáticas, sendo eles o fundamental, o narrativo e o discursivo. Cada nível é baseado em noções de *temas*, *figuras* e *isotopias*, onde textos temáticos são geralmente, os de origem científica e filosófica, textos figurativos, os de origem literária, e a noção de isotopia nos textos podem ser definidas como a recorrência de categorias sêmicas ao longo de um texto, sejam elas temáticas (abstratas) ou figurativas (concretas). Com isso, *Cidades Invisíveis* de Calvino se encaixa na classificação de textos figurativos, pelo qual os termos utilizados por ele remetem a elementos do mundo natural, desenvolvendo uma análise com vários conteúdos semânticos em uma mesma estrutura sintática.

Este artigo trabalha com a noção de isotopia, e consiste em uma pesquisa de cunho qualitativo que considera a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e o sujeito, bem como de caráter exploratório, a fim de construir hipóteses. O estudo se valeu de fontes bibliográficas sobre o estado de Mato Grosso, considerando os aspectos históricos, sociais,

culturais e econômicos, com ênfase no estudo dos municípios da mesorregião sudeste mato-grossense que compõem o Vale do Rio São Lourenço, em especial o município de São Pedro da Cipa. Consultou-se também artigos científicos, trabalhos acadêmicos e literatura sobre espaço, paisagem, identidade e pertencimento.

O material consultado em São Pedro da Cipa, no período de 15 dias no mês de julho de 2015, a partir da experiência do Projeto Rondon – projeto criado por Decreto Presidencial em 14/01/2005, que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes, coordenado pelo Ministério da Defesa – foi analisado por meio do método da observação participante. O material consultado foi resultado da experiência no município de oficinas voluntárias realizadas por alunos da Universidade do Vale do Paraíba, na Operação Bororos. Como Observação Participante, entende-se a pesquisa realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa (Correia, 2009, p.31).

Para compor este artigo foram consideradas informações provenientes da oficina de Turismo Municipal, ministrada e aplicada pela rondonista no período de 14 a 17 de julho de 2015, nos períodos matutino e vespertino, em contato com as pessoas do local e com o espaço urbano e rural do interior do Mato Grosso. Essas informações são parte integrante de arquivo pessoal, que conta com pesquisas de satisfação e anotações dos participantes durante os passeios monitorados.

Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Saúde, CNS nº510, de 07 de abril de 2016, sobre ética em pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, ficou estabelecido, no Art. 1º, Parágrafo VIII que “*atividade realizada com intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização*” não precisam ser registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP. Nesse sentido, o Projeto Rondon é contemplado no artigo supracitado por se tratar de experiência voluntária de uma das autoras em seu período de graduação, com intuito pedagógico de treinamento e capacitação de pessoas.

Vale ressaltar que as informações aqui prestadas são de caráter informacional, voltadas para o conhecimento, compreensão das condições de existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, com seus valores culturais, ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação. É importante destacar que não só foram preservados os direitos dos sujeitos de pesquisa como manteve-se o seu sigilo não oferecendo riscos à integridade física, moral ou intelectual, respeitando a ética da pesquisa acadêmica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender a complexidade da organização das cidades atuais é necessário aprender quais são os processos que conformam e explicam a extensão da urbanização neste século; o que, por sua vez, exige um estudo das transformações sociais, culturais, econômicas, políticas e ambientais de uma determinada sociedade. Lewis Mumford, em seu livro *A cidade na História*, fala sobre a necessidade de se voltar ao passado para entender o presente, ao ressaltar que,

Se quisermos identificar a cidade, devemos seguir a trilha para trás, partindo das mais completas estruturas e funções urbanas conhecidas, para os seus componentes originários, por mais remotos que se apresentem no tempo, no espaço e na cultura (Mumford, 1965, p. 11).

A partir desta ideia, para se entender sobre a atual configuração do município de São Pedro da Cipa - MT em toda sua complexidade urbana e social, é necessário conhecer sua história, sobretudo as dinâmicas socioespaciais vividas pelo Estado de Mato Grosso e pela Região do Vale do Rio São Lourenço. O estado de Mato Grosso localiza-se na região Centro-Oeste brasileira, conta com uma área de 903.198,091 km², sendo o terceiro maior estado em extensão territorial, ficando atrás apenas do estado do Pará, com 1.247.955,381 km² e do Amazonas, com 1.559.149,074 km² (IBGE, 2010). O estado Mato-grossense abriga três importantes biomas (Mata Amazônica, Cerrado e Pantanal), com maior parte ocupada pela Amazônia Legal. Seu histórico é marcado por ocupações ancestrais indígenas de diferentes troncos linguísticos e etnias, até o momento em que esta área começou a ser explorada por imigrantes a partir do período Colonial brasileiro.

Antes da Proclamação da República, o único acesso para as transações comerciais na região era via navegação fluvial por meio do Cone Sul, descendo do rio Paraguai ao rio da Prata. Para chegar a São Paulo ou Rio de Janeiro, era necessário margear o Oceano Atlântico (Siqueira, 2000). O isolamento da região e de outras com o restante do Brasil, fez D. Pedro II, em 1880, interligar todo o território brasileiro por meio do telégrafo. Entre os anos de 1900 e 1906 a Comissão Rondon, conduzida pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon ficou responsável por esse trabalho, conseguindo estabelecer 17 estações telegráficas no extenso território do estado de Mato Grosso. Segundo Siqueira (2000), Rondon vislumbrou a possibilidade de, nesse trabalho de expansão das comunidades telegráficas, reconhecer o território nacional em sua faixa amazônica e, sobretudo, incorporar os índios à sociedade envolvente, seja por meio de contatos amistosos ou como trabalhadores da Comissão.

Abaixo seguem imagens que ilustram os dois períodos de conexão entre o Mato Grosso e os demais estados brasileiros. Na Figura 1a, segue o percurso fluvial que margeava as costas

uruguaia e brasileira e, na Figura 1b, um desenho do traçado realizado pela Comissão Rondon nos períodos do fim da monarquia para a primeira república.

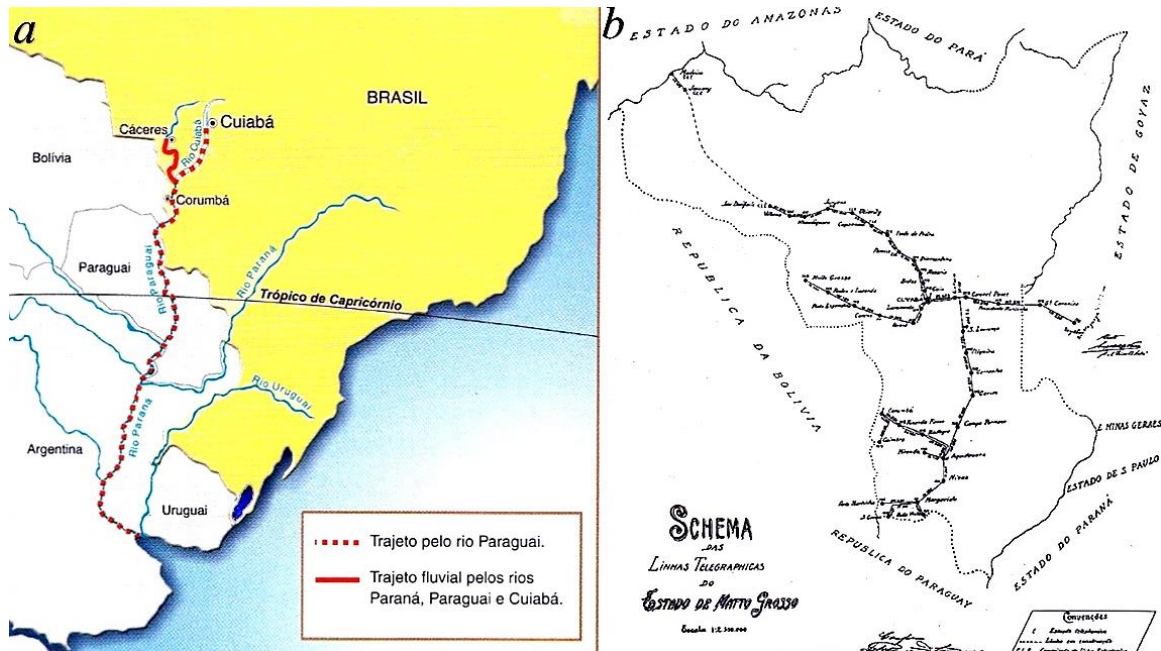
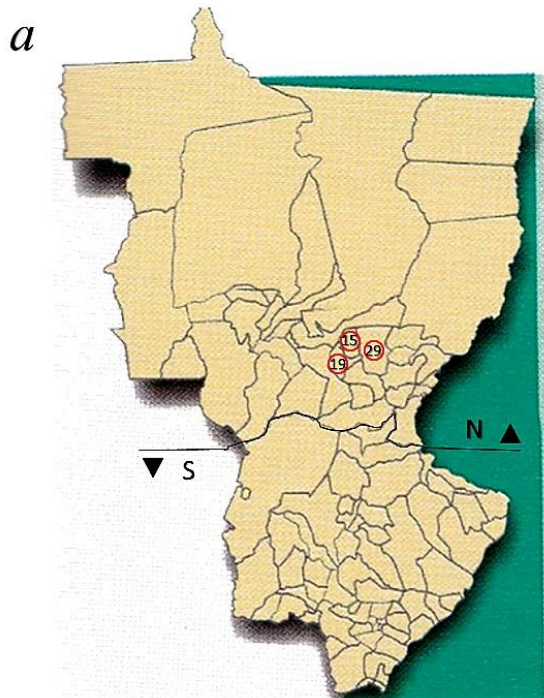


Figura 1a. Percurso Fluvial, transporte entre Cuiabá e a costa brasileira. Fonte: Siqueira, 2002, p.100.
 Figura 1b. Esquema das Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso. Jacintho da Fonseca Chagas (desenhista). In: Album Graphico do Estado de Matto Grosso (1914). Fonte: Siqueira, 2002, p.100.

No século XX, o estado de Mato Grosso ainda tinha dificuldades com suas relações políticas, sociais e econômicas, devido à ampla extensão territorial de 1.231.549 quilômetros quadrados e aos noventa e quatro municípios sob sua administração. Diante disso, no ano de 1977 foi proposto o desmembramento do território em duas partes: ao norte permaneceu o nome de Mato Grosso, com abrangência de trinta e oito municípios, sendo Cuiabá a capital e, ao sul, criou-se um novo estado, o de Mato Grosso do Sul, com cinquenta e cinco municípios, com capital em Campo Grande; a figura 2a ilustra esse momento.

Neste artigo será trabalhado o município de São Pedro da Cipa, pertencente ao estado de Mato Grosso, distrito de Jaciara, cidade fundada no ano de 1958; nesse mesmo ano, foi criado o município de Dom Aquino (na época conhecido como Mutum); e o mais antigo dessa região, Poxoréu, instituído no ano de 1938. Todos estes municípios pertencem ao Vale do Rio São Lourenço e fazem divisa com São Pedro da Cipa. A Figura 2a identifica esses municípios dentre os 38 pertencentes ao estado de Mato Grosso após a divisão e a Figura 2b contém uma tabela com o nome de todos os 38 municípios existentes em 1977, ficando em evidência os municípios de Dom Aquino, Jaciara e Poxoréu.



b Mato Grosso após a divisão, em 11.10.77
38 municípios

01	Acorizal	20	Luciara
02	Alto Araguaia	21	Mirassol D'Oeste
03	Alto Garças	22	Nobres
04	Alto Paraguai	23	Nortelândia
05	Araguaiana	24	Nsª Srª do Livramento
06	Arenópolis	25	Pedra Petra
07	Aripuanã	26	Poconé
08	Barão de Melgaço	27	Ponte Branca
09	Barra do Bugres	28	Porto dos Gaúchos
10	Barra do Garças	29	Poxoréu
11	Cáceres	30	Rondonópolis
12	Chapada dos Guimarães	31	Rosário Oeste
13	Cuiabá	32	Srª Antônia de Leverger
14	Diamantino	33	São Félix do Araguaia
15	Dom Aquino	34	Tangará da Serra
16	Gal. Carneiro	35	Tesouro
17	Guiratinga	36	Toixoreu
18	Itiquira	37	Várzea Grande
19	Jaciara	38	Vila Bela da Ss. Trindade

Fonte: Brasil (1982).

Figura 2a. Estado de Mato Grosso na divisão de 1977, em evidência municípios da região do Vale do Rio São Lourenço. Fonte: Siqueira, 2002, p.211. Editado pela autora.

Figura 2b. Tabela com Municípios do estado de Mato Grosso em 1977, em evidência: municípios da região Vale do Rio São Lourenço. Fonte: Siqueira, 2002, p.211. Editado pela autora.

Logo após o desmembramento territorial, a população mato-grossense se viu deslocada, pois, segundo Siqueira (2000), naquele instante, pesava sobremaneira a descrença de um Estado remanescente e não o entusiasmo por uma nova unidade da Federação que surgia. Com isso, as terras mato-grossenses ficaram abertas à colonização, aumentando consideravelmente a chegada dos imigrantes que começaram a se fixar e fundar várias cidades, o que sobrecarregou o sistema com a procura de alternativas para solucionar os problemas de infraestrutura, e o Estado não tinha condições de sanar todas as carências (Siqueira, 2000). Nesse sentido:

O fluxo migratório dirigido a Mato Grosso, se de um lado alivia as tensões sociais em outras regiões do país, participava do processo produtivo do Estado, mas gerava necessidade das quais não estava preparado para atender de imediato, embora não pudesse negá-las. Perto de 30 cidades novas, com menos de 10 anos, pontilhavam regiões distantes. Outras, embora tradicionais, revitalizaram-se apresentando também as reivindicações resultantes do descobrimento. O governo percebeu claramente a importância desses núcleos e não lhes poupou apoio necessário tanto que, no primeiro ano de administração, 17 municípios foram emancipados, alguns resultantes da colonização privada. O Estado trazia para sua tutela a manutenção de núcleos urbanos nascidos do investimento privado, e reconhecia o desenvolvimento de outros. Nos anos seguintes chegaram a 20 os novos municípios mato-grossenses emancipados, elevado os antigos 38 para 58, em menos de quatro anos (Mato Grosso, 1979 apud Siqueira, 2002, p.212).

Em pouco tempo, o estado de Mato Grosso teve seu espaço totalmente fragmentado, com novas cidades criadas e fundadas por imigrantes. São Pedro da Cipa foi um destes novos núcleos urbanos que foram constituídos a partir da colonização privada. Abaixo, segue imagem (figura 3)

que identifica o município de São Pedro da Cipa no âmbito estadual e regional, e nota-se também, a considerável quantidade de municípios existentes, situação bem diferente das grandes áreas vazias identificadas no mapa de 1977, ilustrado na Figura 2a.

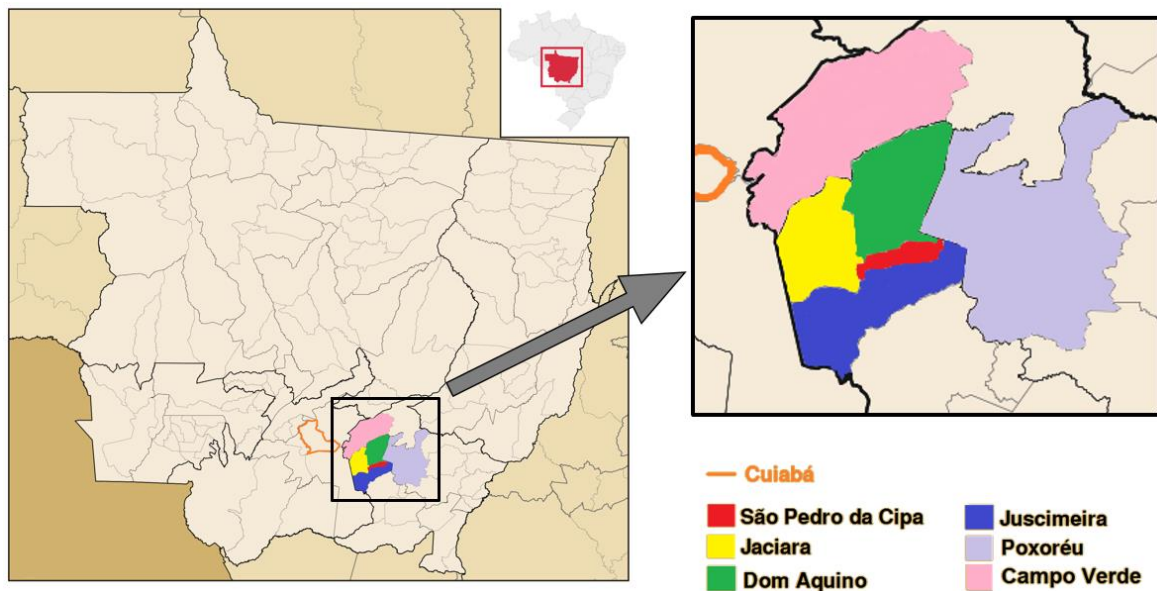


Figura 3: Municípios do Vale do Rio São Lourenço, nas escalas nacional, estadual e regional. Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

O Vale do Rio São Lourenço é composto por seis municípios mato-grossenses, Jaciara, São Pedro da Cipa, Rondonópolis, Poxoréu, Dom Aquino e Campo Verde. A região possui principalmente áreas de pastagens, lavoura de cana, soja e algodão, dentre outras produções agrícolas, além de atividade extrativista em garimpos. Inserida no bioma cerrado, possui riquíssimas áreas destinadas ao turismo rural e ecológico, principalmente nas águas do rio São Lourenço, parte de um circuito do Programa Federal de Regionalização do Turismo denominado Vale do Rio São Lourenço.

Este Programa do Ministério do Turismo identifica regiões em todo o território brasileiro a partir de suas semelhanças turísticas, a fim de otimizar a distribuição de recursos públicos; orientar a elaboração de políticas específicas para cada categoria de municípios; aperfeiçoar a gestão pública, na medida em que fornece gestores do Ministério e dos Estados mais um instrumento para subsidiar a tomada de decisão; auxiliar na atualização do Mapa do Turismo Brasileiro e auxiliar na reflexão sobre o papel de cada município no processo de desenvolvimento turístico regional (Brasil, Ministério do Turismo, 2013-2016).

Este Programa estabelece uma categorização que varia de “A” a “E” (Figura 4) atuando como uma ferramenta que ajuda a traduzir a economia do turismo, é levado em consideração o fluxo turístico e os dados do setor de hospedagem. Os municípios relacionados como nível “A”

são os com maior fluxo turístico e os de maior número de empregos e estabelecimentos no setor de hospedagem; já os categorizados como nível “E” são os municípios que não possuem fluxo turístico expressivo, nem empregos e estabelecimentos formais no setor de hospedagem (Brasil, Ministério do Turismo, 2013-2016).

Dos seis municípios pertencentes à Região do Vale do Rio São Lourenço, quatro pertencem à rota Vale do Rio São Lourenço, dentre eles Campo Verde e Jaciara, classificados na categoria “C” e Dom Aquino e Juscimeira, referenciados na categoria “D”. O Município de Poxoréu pertence a outro circuito turístico, a rota dos Ipês e das Águas, classificados na categoria “D”. Portanto, sabe-se que a região possui semelhanças potencialmente turísticas, mesmo não sendo totalmente beneficiada pelos fluxos turísticos e não comportando muitos empregos e estabelecimentos formais no setor de hospedagem.

Dos seis municípios, a situação de São Pedro da Cipa encontra-se oculta, mesmo sendo banhado pelas águas do rio São Lourenço e com todos os seus confrontantes pertencentes ao circuito Vale do Rio São Lourenço, este município não se encaixa em nenhuma das categorias de turismo. Abaixo segue imagem do Mapa de Regionalização do Turismo, onde é possível identificar o que foi dito neste parágrafo.

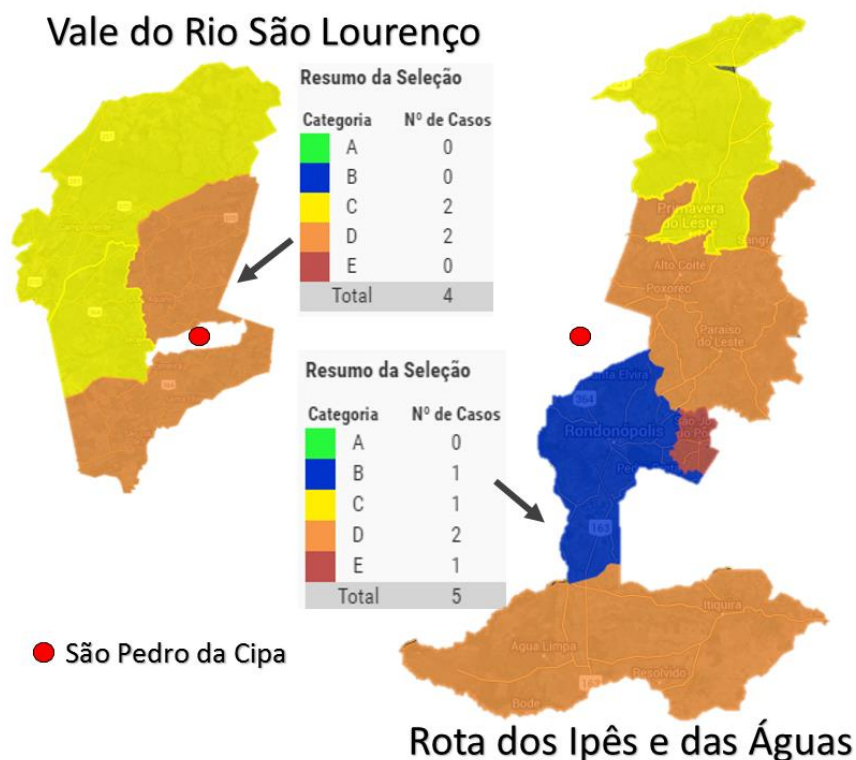


Figura 4: Rotas Turísticas do Programa de Regionalização do Turismo: Vale do Rio São Lourenço e Rota dos Ipês e das Águas. Fonte: Ministério do Turismo. Editado pela autora.

O Ministério do Turismo deixou claro em seu domínio virtual que essas categorias não visam priorizar recursos pela ordem de classificação (de “A” a “E” por exemplo), mas que a priorização depende de vários fatores e que a categorização permite ampliar o apoio dado pelo Ministério do Turismo para todas as categorias de municípios, de acordo com o perfil de cada um (Brasil, Ministério do Turismo, 2013-2016). Mas, se a categoria “E” representa municípios que não possuem fluxo turístico expressivo e nem empregos e estabelecimentos formais no setor de hospedagem, por que São Pedro da Cipa não se encaixa nesta classificação? Se não há dados que confirmem atualmente os fluxos turísticos nesta cidade, ela deveria ter recebido pelo menos a classificação “E”, o que não ocorreu, evidenciando o vazio dentro do circuito Vale do Rio São Lourenço.

Assim como Raíssa, cidade oculta de Calvino (1990), São Pedro da Cipa se apresenta como uma cidade invisível, desconhecida. Essa foi a percepção que o *flâneur* virtual teve no primeiro contato pela ferramenta do *Google Earth*. “Navegando” pelo espaço virtual, a fim de conhecer o município participante do projeto Rondon, foi possível apenas flanar pela Rodovia BR 163, rua de mão dupla cujo trânsito de caminhões predomina nas duas faixas, ladeadas por comércio do artesanato local, como painéis e artigos de cerâmica em geral, além de produtos típicos da natureza local como pequi e palmito; não deixando entrever o que poderia se encontrar nas perpendiculares e paralelas a esta rodovia tão movimentada, nem tampouco como as pessoas se apropriam deste espaço, qual o vínculo que se estabelece com o lugar e sobretudo, quais os significados e símbolos que exprimem esse espaço e a paisagem que está por trás dela? Na página a seguir, seguem algumas imagens do *tour* virtual realizado pelo *flâneur* a fim de conhecer o *locus* da aplicabilidade de sua oficina no Projeto Rondon, a 1,239 Km distante dele.

Santos (1988) diz que paisagem é materialidade, formada por objetos materiais e não materiais, e a vida é sinônimo de relações sociais, pelas quais não são possíveis sem a materialidade, que também se realiza por intermédio dos objetos. Pelas paisagens captadas pelo *flâneur* virtual foi possível notar a materialidade dos objetos, a instalação das construções comerciais, o local escolhido pelo feirante itinerante em sua caminhonete e os fluxos do transporte de carros e caminhões pela rodovia. Apesar da paisagem dizer muito do lugar, ela pouco afirma sobre as relações sociais existentes, além das evidentes sobre as trocas comerciais por trás dos objetos expostos nas barracas.

Santos (1988) ressaltou que “*uma mesma rua pode servir a funções diferentes em distintos momentos. A sociedade existe com objetos, é com estes que se torna concreta*” (p.25). O *flâneur* virtual, planejando sua viagem física ao lugar, se imagina fazendo parte desta sociedade, andando por essa rodovia, descobrindo o que há por dentro das barracas, saboreando o “Pastel do Toim” e

conhecendo as pessoas, que não aparecem nas imagens, mas fazem parte de todo um conjunto de relações que materializaram os fluxos e os objetos que compõem esse inóspito espaço.



Figura 5: Imagens da Rodovia BR-163 em São Pedro da Cipa-MT. Fonte: Google Earth.

- a) Rodovia BR-163: Caminhões na pista. b) Rodovia BR-163: Comércio locais, Pastel do Toin.
c) Rodovia BR-163: Comércio local, caminhonete vendendo Pequi. d) Rodovia BR-163: Comércio local, barracas de produtos artesanais.

Calvino (1990) apresenta a cidade oculta de Raíssa a partir das relações sociais que os indivíduos estabelecem em seu espaço e com eles. Paisagens que vão sendo montadas, espaços que vão sendo decifrados. Na passagem abaixo, percebe-se o espaço materializado nas ações humanas, é possível identificar o espaço de uma mercearia, um atelier de costura, uma loja, um banco e um boteco, mas a evidência de suas ações produz um significado a estes lugares que os transformam a sua imagem, pois segundo Halbwachs (1990) nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. No trecho a seguir, Calvino estabelece essa relação entre o espaço e o sujeito na cidade oculta de Raíssa:

Nas mesas em que em todos os momentos alguém esmaga os dedos com o martelo ou fura-se com a agulha, ou nas colunas de números negativos dos registros dos comerciantes ou dos banqueiros, ou diante da fila de copos vazios sobre o balcão dos botequins, ainda bem que as cabeças abaixadas poupam olhares tortos (Calvino, 1990, p.63).

No caso de São Pedro da Cipa, estas identificações vieram antes da relação *in locus* com o espaço. O *flâneur* se debruçou para análise de dados e das paisagens recolhidos por meios virtuais. Paisagem, segundo Santos (1988), consiste em um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, originária das intervenções de atores sociais que modificam e recriam novas paisagens.

Anderly (2012, p. 404), apoiada em Marx, complementa a ideia de Santos, reforçando que essa transformação é recíproca, ou seja, o espaço natural, quando transformado, também transforma o homem. Sobre a relação entre o homem e a natureza, entende-se que essa transformação resulta na construção de uma natureza humanizada que, a partir da atividade prática

e consciente do trabalho, torna-se produto do homem (Anderly, 2012, p. 405, *apud* Marx, {*La ideologia alemana*, pp. 19-20}).

Santos (1996), ao trabalhar com o pensamento de Marx sobre a noção da produção espacial pelo trabalho, considera que a técnica é que determina a produção do espaço, e essas técnicas participam na produção da percepção do espaço e do tempo, tanto pela existência física, como pelo imaginário. Partindo-se dessa premissa, apresenta-se o Vale do Rio São Lourenço a partir das relações de trabalho marcadas por práticas extrativistas de diamantes, que comportou, durante muito tempo, sua economia baseada nos garimpos e nas atividades agropecuárias.

São Pedro da Cipa possui 4.341 habitantes (IBGE, 2013) e tem, em 2016, 24 anos de existência como cidade “autônoma”. Com base no histórico de uso e ocupação do solo matogrossense, percebe-se que houve nesta região um grande número de imigrações oriundas de diferentes localidades do país e do mundo. São Pedro da Cipa possui em seu histórico a marca de um italiano, Nicola Rádica, que comprou as terras do projeto de colonização da Companhia Industrial Pastoral Agrícola (CIPA) e doou parte do que tinha para a formação do patrimônio que foi a célula *mater* do município (IBGE- Cidades).

O município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,6 e 0,699), com 0,660 em 2010, valor este abaixo da média nacional e da média estadual. Possui 89,1% da população residente em zona urbana e 10,9% na zona rural, com densidade demográfica de 12,12 hab/km² (IBGE,2010). Comparando-se as pirâmides etárias do município de São Pedro da Cipa em seu ano de fundação, em 1991 e no ano de 2010, é possível notar que grande parte da população inicial não chegou ainda na fase adulta, identificando a predominância de jovens adultos e a baixa representatividade de idosos em 2010. Apesar de maior parte da população ser jovem adulta, percebe-se uma quebra do padrão “pêra” quando se refere às idades de 15 a 24 anos e entre 30 a 34 anos. Na próxima página, segue imagem com as pirâmides etárias do município nos anos de 1991 e 2010.

Analisando dados comparativos referentes aos anos de 1991, 2000 e 2010 sobre o Fluxo Escolar por faixa etária (Figura 7), percebe-se que, durante estes 20 anos, houve um crescimento considerável de crianças de 5 a 6 anos na escola, de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental, jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo (estes apenas na primeira década) e de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo. Entre 2000 e 2010 observa-se que diminuiu o número de jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo, o que agravou a situação desta faixa etária em relação ao total da cidade, identificado também nas rupturas da pirâmide etária de 2010. Segundo o IBGE, 2010, 22,43% destes jovens

entre 15 e 17 anos se encontram no ensino médio sem atraso; 1,23% no ensino médio com um ano de atraso; 26,37% estão frequentando o ensino fundamental; 20,10% não frequentam nenhuma modalidade de ensino e 29,87% está classificada como “outros”. Abaixo segue gráfico com os dados de frequência por faixa etária.

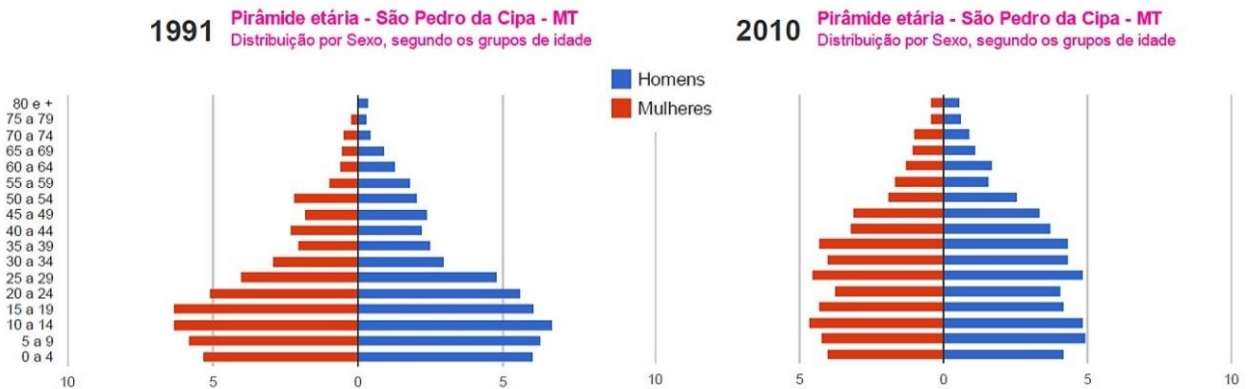


Gráfico 1. Pirâmide Etária do Município de São Pedro da Cipa-MT, ano de 1991 e 2010.
 Fonte: IPEA, PNUD e FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO-MG

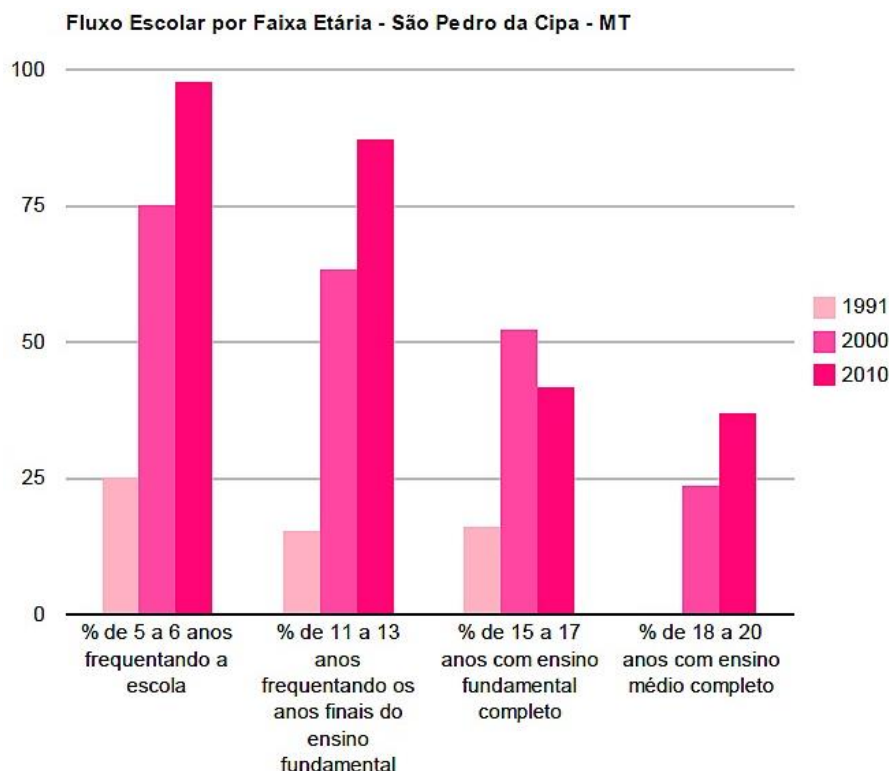


Gráfico 2. Fluxo escolar por faixa etária – São Pedro da Cipa – MT.
 Fonte: Fonte: IPEA, PNUD e Fundação João Pinheiro-MG.

O que acontece com essa população jovem que vem diminuindo em quantidade e que deixa de frequentar as escolas? Para responder a esta pergunta, vale a consulta a outros dados que são de muita importância para esta análise, o índice de Vulnerabilidade Social. Abaixo (figura 8), segue

tabela com os indicadores relacionados à Crianças e Jovens, Família, Trabalho e Renda e Condição de Moradia referente aos anos de 1991, 2000 e 2010.

Vulnerabilidade Social - São Pedro da Cipa - MT

Crianças e Jovens	1991	2000	2010
Mortalidade infantil	39,00	32,30	19,70
% de crianças de 4 a 5 anos fora da escola	-	63,64	24,23
% de crianças de 6 a 14 anos fora da escola	24,38	4,30	2,54
% de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham e são vulneráveis à pobreza	-	9,85	11,46
% de mulheres de 10 a 14 anos que tiveram filhos	0,00	0,00	1,55
% de mulheres de 15 a 17 anos que tiveram filhos	4,99	4,83	11,00
Taxa de atividade - 10 a 14 anos (%)	-	7,51	6,66
Família			
% de mães chefes de família sem fundamental completo e com filhos menores de 15 anos	36,04	12,63	17,30
% de pessoas em domicílios vulneráveis à pobreza e dependentes de idosos	3,92	3,79	1,06
% de crianças extremamente pobres	15,64	14,87	6,03
Trabalho e Renda			
% de vulneráveis à pobreza	53,60	47,99	27,37
% de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal	-	51,45	36,57

Tabela 1. Vulnerabilidade Social-São Pedro da Cipa-MT.Fonte:IPEA, PNUD, Fundação João Pinheiro-MG

Analisando estes dados, é possível verificar que a porcentagem de crianças de 4 a 14 anos fora da escola diminuiu consideravelmente de 1991 a 2010, mas novamente pode-se perceber uma situação preocupante entre os jovens de 15 a 24 anos que não estudam nem trabalham, com um aumento de 1,61% de vulnerabilidade à pobreza; concomitante a este dado, percebe-se que durante os anos de 1991 a 2000 não havia meninas de 10 a 14 anos com filhos, o que em 2010 apresenta um dado indicando 1,55% de meninas nessa situação e houve um aumento de 6,17% de mulheres que tiveram filhos entre 15 e 17 anos durante os anos de 2000 e 2010.

Essas informações possibilitaram ao *flâneur* ter o primeiro contato com esta população e, durante quinze dias do mês de julho de 2015, participar de fato da aplicação de oficinas de cunho voluntário a partir das atividades propostas pelo Projeto Rondon, vivendo, experimentando e sentindo a cidade como um todo, um todo curioso que não foi possível identificar com as *flanages* virtuais, o todo materializado nas ações humanas, no convívio, nas relações socioculturais.

Ao chegar à cidade, o corpo técnico da prefeitura fez um *tour* com os rondonistas pelas ruas do centro e em um assentamento chamado Laço de Ouro. Foram apresentados os lugares que as oficinas seriam aplicadas, as escolas estadual e municipal e câmara municipal. Alojados em uma creche ao lado da prefeitura, logo começaram a aparecer as crianças e adolescentes da cidade, cheios de curiosidade e expectativas a respeito do Projeto Rondon. Mal sabiam eles das expectativas do *flâneur* e de sua equipe em conhecê-los.

Muitas oficinas, de diferentes áreas do conhecimento, foram trabalhadas neste município; oficinas que atingiam os públicos infantil, jovem e adulto. Neste artigo, foram também analisados alguns dados da oficina direcionada ao Turismo Municipal, que desenvolveu pesquisas em campo com os participantes a fim de identificarem os pontos turísticos do município. Essa etapa da oficina disponibilizava aos participantes duas câmeras fotográficas que foram revezadas entre eles; cada um anotava e ilustrava com desenhos o que via e considerava importante. Após o trabalho de campo, foi realizado um exercício de reconhecimento do espaço, por meio da elaboração de um mapa temático. No último dia da oficina foi aplicado um questionário de satisfação que, além das respostas esperadas, revelaram, algumas surpresas, as quais serão desvendadas neste artigo.

A média das idades dos participantes da oficina era de 15 anos, variando sempre de 9 a 16, mas com representatividades pontuais de adultos com trinta anos de idade. Para Benjamin (2005), “as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem” (p.94) e, para Halbwachs (1990), “à medida que a criança cresce, e sobretudo quando se torna adulta, participa de maneira mais distinta e mais refletida da vida e do pensamento desses grupos dos quais fazia parte, inicialmente, sem disso aperceber-se” (p.71). Nesse sentido, entende-se que as crianças são o reflexo do grupo pela qual ela pertence, pois elas vivem situações coletivas caracterizadas pela historicidade e cultura desse grupo, estabelecendo relações dentro de um espaço representado por significados e ações presentes no dia a dia da comunidade. A partir dessas afirmações, considerando o público alvo das pesquisas e o material da oficina, pode-se dizer que os pensamentos e apontamentos realizados pelas crianças pertencem à opinião do coletivo, traduzindo seus sentimentos e possibilitando questionamentos e análises sobre questões ligadas às memórias e ao pertencimento.

Analisando as folhas de anotações da pesquisa de campo da zona central da cidade os participantes mencionaram como atrativos turísticos as instituições públicas. Das 20 folhas analisadas, em 15 aparecem citações ou desenhos da Igreja Católica de São Pedro e, em alguns casos isolados, a presença da Polícia Militar. O *flâneur* percebe a dificuldade que as pessoas têm em identificar o que pode ser elemento turístico para a cidade e o diferencial da região. Além disso, pelos registros, percebeu-se que os cipenses tinham uma forma peculiar de identificar pontos turísticos: “Barraca- É um ponto turístico porque fica em frente com o asfalto e atrai bastante caminhoneiros que passam por lá” (Projeto Rondon, 2015). Este comentário suscita a pergunta sobre o ponto turístico de S. Pedro da Cipa: será a barraca, com seus produtos artesanais da região ou será o asfalto da rodovia, que permite o acesso à cidade? Este comentário dá a entender que a

barraca só é importante porque fica em frente ao asfalto, possibilitando visibilidade de outras pessoas que não são os moradores da cidade.

Britto (2013), quando se refere à obra Estética dos Becos de Cora Coralina, explica que “*os becos serviam para encurtar distâncias, eram espécie de atalhos para as ruas e largos da cidade e originalmente sua função era atender um número restrito de residências com o acesso de serviço*” (p.117). Tendo como base essa ideia, seria a cidade de São Pedro da Cipa um beco? Pois a menor extensão territorial entre os limites do município situa-se nas margens da rodovia (asfaltada) (Figura 9), primeiro contato do *flâneur* com a região pelo *tour* virtual. O que se vê na cidade é a grande importância da rodovia BR-163 pois ela, além de atravessar o centro urbano da cidade de São Pedro da Cipa, compartilha seus caminhos com cidades de seis estados brasileiros (São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Rondônia e Acre) (Figura 9).

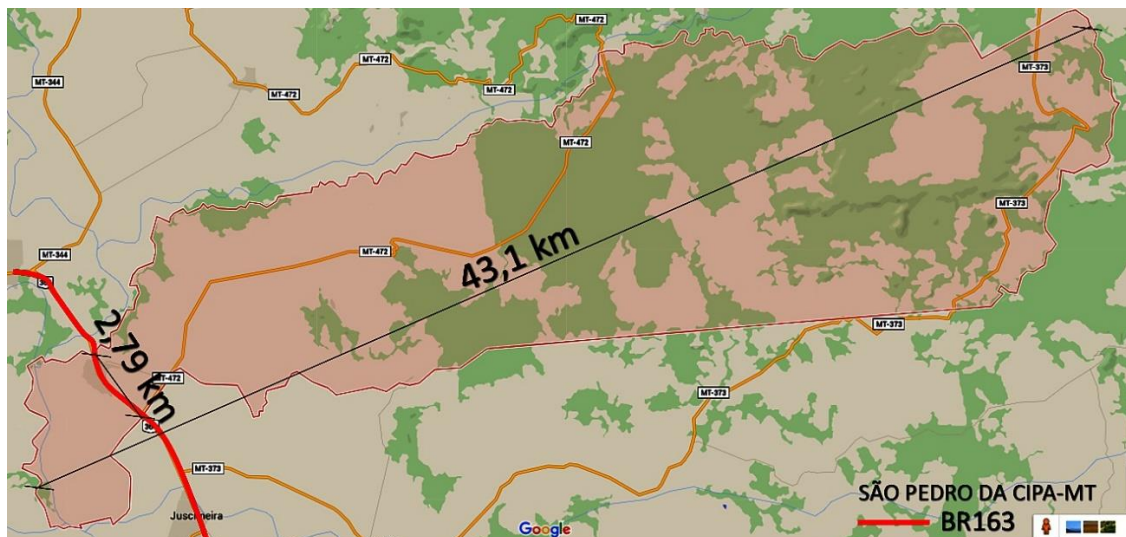


Figura 6. Distâncias dos extremos territoriais. Fonte: Google Earth. Elaborado pela autora, 2016.

Portanto, tem-se uma cidade oculta para os desconhecidos, oculta para o Programa de Regionalização do Turismo e oculta pelos próprios habitantes, que não reconhecem os valores de sua terra. Os cipenses estão tão imersos em seu cotidiano que não conseguem enxergar o que tem ao seu redor. Há casos até de desconhecimento de suas próprias origens. Uma criança, chamada pela avó de Boro, não soube explicar a origem de seu nome. É possível aventar a possibilidade de que boro seja uma redução da palavra Bororos, tribo indígena existente na região em um tempo passado, pertencentes ao tronco linguístico Macro - Jê.

Junto aos participantes da oficina de turismo municipal que caminhavam em suas atividades pela cidade, outras pessoas se juntaram ao grupo. Cada pessoa teve a oportunidade de utilizar a câmera fotográfica para captar imagens de acordo com o que achava importante. Abaixo segue uma breve seleção de algumas dessas imagens. Percebe-se a presença das painéis de uma

das barracas à beira da rodovia (nota-se a quantidade de caminhões ao fundo); da igreja católica com a imagem de São Pedro (padroeiro da cidade); do rio São Lourenço, importante conector físico entre São Pedro da Cipa e outros municípios ao redor; cadeiras de uma marcenaria (também às margens da rodovia); e, as jacas uma das frutas típicas da região, além do pequi e do palmito.



Figura 7. Imagens capturadas pelos participantes da oficina de turismo na área urbana do município de São Pedro da Cipa - MT. Fonte: Arquivo pessoal da autora. a) Panelas artesanais e ao fundo o trânsito de caminhões; b) Fachada principal da igreja matriz de São Pedro; c) Rio São Lourenço na zona urbana; d) Cadeiras de madeira artesanais; e) Produto típico: Jaca.

Para o grupo se dirigir à zona rural, foram necessários dois micro-ônibus escolares. No caminho identificou-se muita área destinada aos cultivos agrícolas e áreas para pastagens, além disso, havia pequenas cachoeiras e rios que desaguavam no rio São Lourenço, com o relevo levemente ondulado que abrigam matas fechadas referentes ao bioma cerrado e muitas matas de eucalipto. Em visita a fazendas da região, encontrou-se um moinho de cana movido a cavalo e frutos como cacau, tamarindo, pequi e a dita “laranja menstruada”, que é uma laranja com cor avermelhada em seus gomos. O local mais esperado, denominado pelos moradores como “pesquisa”, era o lugar onde mineradores desviaram o curso do rio à procura de pedras preciosas (diamante), na década de 1990. Uma trilha de aproximadamente 1 hora e meia, reservava inúmeras surpresas, tais como patas de onça na areia e formações rochosas pitorescas que levam a este lugar inabitado, com mata densa do cerrado, sendo possível ouvir os sons dos pássaros e sentir o ar puro pelas narinas. Abaixo (figura 11), seguem algumas imagens capturadas pelos participantes referentes à zona rural do município, de acordo com o olhar de cada um.

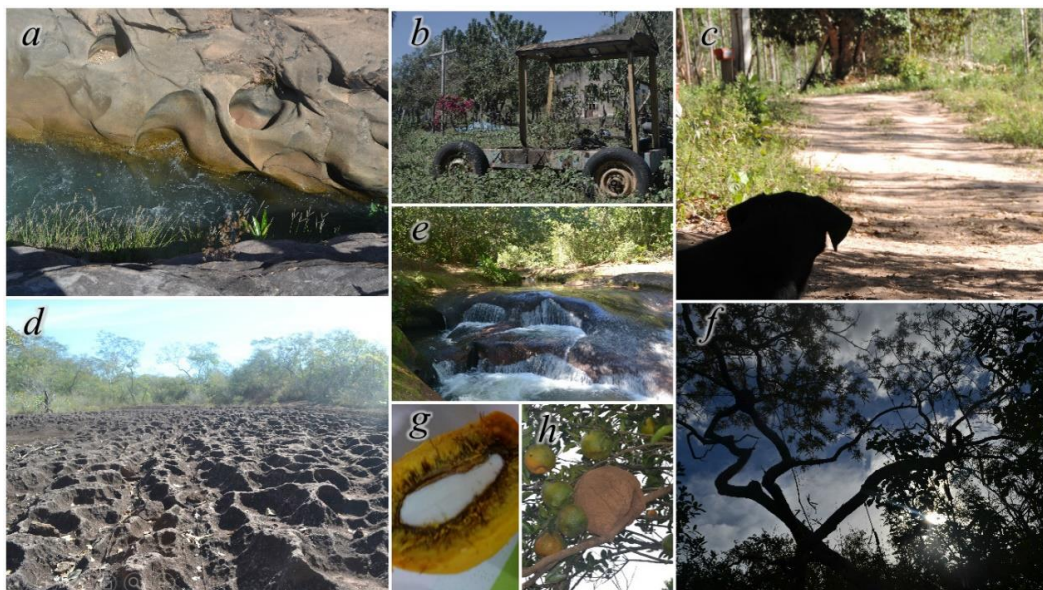


Figura 8. Imagens capturadas pelos participantes da oficina de turismo na área rural do município de São Pedro da Cipa - MT. Fonte: Arquivo pessoal da autora. 16/07/15

a) A “pesquisa” local pelo qual o rio teve seu curso desviado para atividade extrativista; b) Paisagem de uma fazenda na zona rural; c) Paisagem de uma fazenda na zona rural; d) Formação rochosa próximo à “pesquisa” dos garimpos; e) Pequena cachoeira em uma fazenda na zona rural; f) Paisagem do cerrado em mata fechada próximo à “pesquisa”; g) Fruto típico Pequi cortado ao meio para identificar a castanha e seus espinhos internos; h) Pé de laranjeira com a casa de um João-de-Barro em uma fazenda da zona rural.

Britto (2013) menciona em sua obra um conceito criado por Walter Benjamin denominado memória topográfica, que não seria reconstruir os espaços pelos espaços, mas os conceber como pontos de referência para captar experiências sociais. No último dia, foi trabalhado esse conceito com os participantes da oficina, a fim de aguçar seus sentimentos sobre suas experiências e elaborar um croqui de um mapa turístico para o município de São Pedro da Cipa. Todos interagiram e chegaram a um consenso coletivo, definindo o que era importante para eles como atrativos turísticos e onde estes atrativos estavam inseridos no espaço. Ao final deste dia foram aplicadas pesquisas de satisfação para avaliar o desempenho dos rondonistas.

Como respostas dessas pesquisas, além do esperado, fomos surpreendidos com relatos a respeito do conhecimento do próprio espaço, tais como: *“Essa Oficina mostrou a beleza desconhecida do nosso município”*; *“Por que nela (a oficina) você conhece lugares dentro de sua cidade aonde você as vezes nem saberia que existia”* e *“Vocês estão de parabéns, mostrou (sic) a nós um novo jeito de ver são (sic) Pedro, as belezas que nos (sic) não conhecia vou sentir falta quando vocês forem”*. A oficina possibilitou aos habitantes conhecer sua própria cidade e as belezas que ela comporta. De acordo com Calvino (1990), pode-se estabelecer uma relação de São Pedro da Cipa com a cidade oculta de Raíssa:

Em Raíssa, cidade triste, também corre um fio invisível que, por um instante, liga um ser vivo ao outro e se desfaz, depois volta a se estender entre pontos em movimento desenhando rapidamente novas figuras de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe (Calvino, 1990, p.63).

Portanto, em São Pedro da Cipa, assim como em Raíssa, também corre esse fio invisível que pelas descobertas da população começa a se tornar visível e revela pequenos pontos de felicidades no espaço material, traduzindo os significados a partir das revelações e da construção da história e da memória coletiva. Espera-se que a presença do *flâneur* tenha iniciado um processo de descobrimento e consolidação do sentimento de pertencimento ao espaço imaterial, simbólico e cultural.

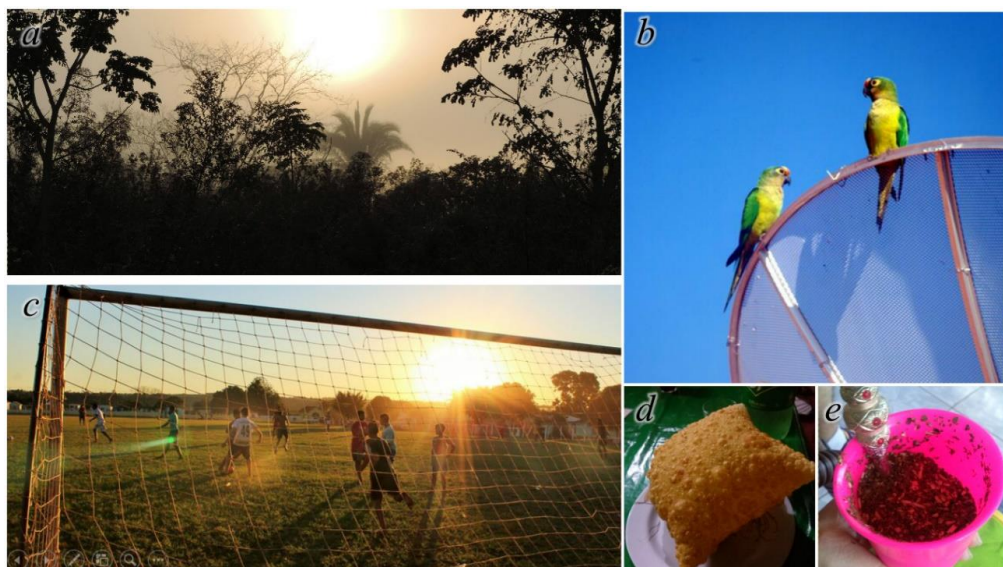


Figura 9. Imagens capturadas de São Pedro da Cipa pelos universitários participantes do Projeto Rondon. Fonte: Arquivo pessoal da autora. Período da Operação Bororos.

a) Paisagem do amanhecer ao fundo da Creche Municipal (local utilizado como alojamento dos rondonistas); b) Duas araras em uma antena parabólica na zona urbana da cidade; c) Crianças jogando futebol em um campinho na zona urbana da cidade; d) Pastel do Toin; e) Bebida gelada típica da região: Tereré ou teres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Ítalo Calvino, uma cidade não é importante pelas suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas pelas respostas que dá as nossas perguntas. O estudo de São Pedro da Cipa revelou que o entendimento de uma cidade deve levar em consideração não só a geografia e seu espaço físico, mas também as relações sociais e as trocas simbólicas que revelam os mosaicos culturais que (re) montam as maravilhas do lugar.

A partir da análise dos resultados das pesquisas de satisfação da oficina de Turismo Municipal foi possível identificar o desconhecimento do espaço da população que vive nele. O território brasileiro é muito extenso e existem muitas cidades ocultas como os casos de São Pedro da Cipa - MT e a imaginária Raíssa de Calvino, porém pouco são estudadas no âmbito do

Planejamento Urbano e Regional, sobretudo quando se trata de questões que envolvam identidade e pertencimento. Espera-se que este estudo seja um incentivo na identificação desses municípios e na análise de suas configurações sócio espaciais no ambiente acadêmico.

4 REFERÊNCIAS

Livro/Book:

- ANDERLY, M. A. P. A, (2012), **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro, Garamond.
- BENJAMIN, W, “**Paris do Segundo Império. In: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**”. **Obras escolhidas III**. Brasiliense, São Paulo, 2000.
- BENJAMIN, W, (2005), **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Trad. Marcus Vinícius Mazzari. Duas Cidades; Editora 34, São Paulo, 2005.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**, Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**, Vértice, São Paulo, 1990.
- LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. **Cidades Complexas no século XXI - ciência, técnica e arte**, Perspectiva, São Paulo, 2001.
- MUMFORD, L. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**, Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais**. Entrelinhas Editora, Cuiabá, 2002.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. Hucitec, São Paulo, 1996.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**, Hucitec, São Paulo, 1998.

Instituição pública/Public institution

- BRASIL, Ministério do Turismo. **Categorização dos Municípios das Regiões Turísticas do Mapa do Turismo Brasileiro**. Disponível em <<http://www.turismo.gov.br/sem-categoria/5854-categoriza%C3%A7%C3%A3o-dos-munic%C3%ADpios-das-regi%C3%B5es-tur%C3%ADsticas-do-mapa-do-turismo-brasileiro.html>> Acesso em 27 mai. 2016.
- BRASIL, Ministério do Turismo. **Mapa interativo do Programa de Regionalização do Turismo**. Disponível em <<http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/init.html#/home>> Acesso em 27 mai. 2016.
- CEP/CONEP. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em 09 set. 2016.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades - Mato Grosso- São Pedro da Cipa**. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=510740&search=mato-grosso|sao-pedro-da-cipa>> Acesso em 13 mai. 2016.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Área Territorial Brasileira**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/principal.shtm>> Acesso em 03 set. 2016.
- IPEA, PNUD e FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO-MG. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013. Perfil do Município de São Pedro da Cipa - MT**. Disponível em <http://portal.cnm.org.br/sites/6700/6745/AtlasIDHM2013_Perfil_Sao-Pedro-Da-Cipa_mt.pdf> Acesso: 13 mai. 2016
- MATO GROSSO, **Relatório do Governo do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá: Governo do Estado, 1979.
- PROJETO RONDON. **Site Oficial do Projeto Rondon**. Disponível em <<http://projektorondon.pagina-oficial.com/>> Acesso em 13 mai. 2016.

Periódico/Journal:

- BRITTO, C. “**A estética dos becos em Cora Coralina ou ‘Um modo diferente de contar velhas estórias’**”. Estudos da Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, 2013.
- CORREIA, M. C. B. **A observação participante enquanto técnica de investigação. Pensar Enfermagem** Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009. Disponível em <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf> Acesso em: 27/05/2016.
- FLAMMARION, C. C. “**Repensando a construção do espaço**”. Revista de História Regional 3(1), 1998, p.7-23.
- ROUANET, S. P, **É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela?** São Paulo, Revista USP, Dossiê Walter Benjamin, v.1, n. 15, set/out/nov. 1992. p. 49-75.
- SANTIAGO, Maria Magda de Lima; LARA, Glaucia Muniz Proença. **O trajeto como espaço na narrativa de Ítalo Calvino**, Belo Horizonte, CALIGRAMA, v.17, n.1, 2012, p. 155-170.

Autoral:

- Fotografias, 2015.
Mapas, 2016.